

LEITURA: HÁBITO OU GOSTO?

Maria José Rigoldi da Silva¹
Miguel Fecchio²

RESUMO: É corrente, entre os professores o comentário de que o aluno não gosta de ler. No entanto, pesquisas tem revelado que a atividade de leitura é bem recebida por importante percentual de alunos. (Fecchio, 2001; 2003) Essa contradição de informações levou à reflexão sobre o que pode estar havendo entre o gosto pela leitura no entender dos professores e dos alunos. Fatores importantes como má formação dos professores de leitura, falta de boa estrutura das escolas e bibliotecas, falta de motivação, falta de objetivos para as aulas de leitura podem estar influenciando e mascarando a realidade sobre essa atividade tão importante. Serão apresentados os pensamentos de pesquisadores da área (Freire; Villardi; Charmaux; Bamberger) para que se possa emitir uma opinião bem embasada sobre o problema.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, formação do leitor, motivação.

INTRODUÇÃO

No mundo moderno é praticamente impossível ao ser humano ter um bom relacionamento em sociedade se não dominar os códigos de escrita que o capacitam não só a ler, mas a entender o mundo. A evolução da linguagem escrita permitiu ao homem armazenar informações das mais diferentes naturezas e em diferentes tipos de linguagem o que lhe propiciou avançar de uma cultura de transmissão de conhecimentos via oralidade para compor verdadeiros bancos de dados capazes de apresentar, hoje, em tempo real, informações capazes não só de produzirem contatos pessoais, mas até de moverem o mundo. No momento em que os fatos ocorrem no outro lado do mundo, estamos tendo as notícias sem que se perca um só detalhe. No entanto, a atividade de leitura exige de seu usuário mais que a habilidade de decifrar códigos; ela exige uma compreensão que deve ir muito além daquilo que está nas linhas, daquilo que os olhos conseguem captar. A leitura envolve processos mentais de construções, de análises, de inferências, de tomadas de decisões. Portanto, muito mais que decodificação de sinais, ler é construir significados.

DESENVOLVIMENTO

As atividades de leitura e escrita sempre foram tidas como de primeira importância:

Saber ler, já entre gregos e romanos significava possuir uma educação adequada para vida, educação essa que visava não só o desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como as aptidões físicas, possibilitando ao cidadão integrar-se efetivamente à sociedade, no caso a classe dos senhores, dos homens livres. (MARTINS, 1984: 22).

Para Charmeux (1994: 13): “Dominar as atividades de leitura e escrita deixou de ser um ‘luxo’ que favorecia uma mudança de classe social, e passou a ser algo importante para a vida cotidiana.”

No entanto, parece haver um paradoxo entre a importância que se reconhece para a atividade de leitura e o

nível de leitura dos brasileiros. Em pesquisa realizada entre estudantes universitários (Fecchio, 2001: 79-81) 100% dos entrevistados dizem achar a leitura uma atividade importante para o seu dia-a-dia, apesar de que apenas 39% dizer ler até quatro livros por ano.

O comentário corrente entre os professores é de que o aluno não gosta de ler. Porém, pesquisas feitas Fecchio (2001; 2003) comprovam que essa atividade é bem aceita pelos alunos e eles até têm um bom gosto por ela. Essa contradição de informações levou-nos à reflexão sobre o que pode estar havendo entre o gostar de leitura no entender dos professores e no entender dos alunos. Fatores importantes como má formação dos professores de leitura, falta de boa estrutura das escolas e bibliotecas, falta de motivação, falta de objetivos para as aulas de leitura podem estar influenciando e mascarando a realidade sobre esta atividade tão importante.

A falta de uma boa estratégia para o desenvolvimento de uma aula de leitura pode ser motivo relevante para a falta de interesse dos alunos. Seria interessante que antes da leitura, o professor comentasse um pouco, alguma parte interessante da obra a fim de preparar os alunos e despertar (naqueles não muito motivados) o interesse pelo enredo.

Depois da leitura, sempre deveria serem permitidos espaços para possíveis interpretações, como forma de enriquecimento, e também como forma de o professor conduzir o aluno a níveis mais profundos de compreensão. Iniciando com atividades motivadoras desse tipo, o educador estaria a começar desde o início da vida escolar da criança, a exercitá-la para que diante de qualquer fato obscuro ou lacuna de compreensão, a criança pudesse preencher esses espaços e construir sua interpretação, vindo assim a não se acostumar com uma só leitura de qualquer texto. Segundo Villardi, (1999: 19- 20): “Na maioria das vezes essa etapa é queimada [...] A escola, desde aí, prepara a criança para habituar-se a não compreender, ou melhor, a acomodar-se ao fato de que a escola não cria espaço de discussão, onde as dificuldades apareçam e possam ser sanadas[...]”

É importante que o professor abra espaço para várias interpretações, pois o aluno deve saber que há um espaço reservado para a sua leitura. “E o papel do professor não é o de instrutor nem o de examinador, mas o de uma pessoa para a qual os livros são importantes.” (Bamberger, 2000: 70)

Para Villardi (1999: 55) “Cabe ao professor criar

¹ Graduanda do curso de Letras da UNIPAR – campus Cianorte

² Professor da UNIPAR- campus Cianorte- Mestre em Educação – UFU miguel@unipar.br.

um ambiente favorável à divergência, que não se buscam respostas corretas, mas possíveis, sendo salutar e rica a diferença de opiniões e que só o respeito à divergência pode enriquecer a visão de cada um acerca da leitura.”

Com isto, desaparece a hierarquia rígida sobre a qual se apóia o sistema educativo, o que repercute em uma nova aliança mais democrática, entre o professor e o estudante e com conseqüências relevantes, já que o aluno se torna co-participante, e o professor menos sobrecarregado e mais flexível para o diálogo (FECCHIO, 2001: 54).

Nesse momento de discussão, outra atitude importante por parte do professor, é que ele traga a problemática do texto para que o aluno internalize que ler é aprender coisas que sirvam para sua vida, que possam fazê-lo viver melhor e cabe ao aluno verificar de que modo é possível aproveitar o que aprendeu nos livros, trazendo aquela experiência para a vida real.

Já que em resposta a um grupo de alunos sobre a questão se gostam de ler, 86,10% responderam que sim (Fecchio, 2003: 248). O que pode estar ocorrendo para que o aluno muitas vezes não mostre motivação diante da leitura escolar? Muitas vezes é a própria atitude do professor perante a leitura que causa nos alunos essa falta de interesse. Às vezes nem o professor não gosta de ler, então ele mesmo não torna suas aulas motivadoras o suficiente para preparar o aluno para uma boa leitura e contagia-lo com uma motivação positiva. Suas aulas de leitura são sempre as mesmas, com as mesmas atividades, sem dar espaço para a criatividade dos alunos.

Segundo Cunha (1999: 18): “Sem dúvida, o desinteresse dos alunos tem como uma das causas esse nosso condicionamento, essa tranqüilidade com que vamos, ano após ano, levando às crianças os mesmos livros, as mesmas histórias, supondo sempre atividades iguais, para alunos iguais.”

O professor deve também, na medida do possível dar liberdade ao aluno de escolher o livro ou a leitura que mais lhe convenha ou que vá ao encontro com seus anseios e necessidades. No ensino médio, quando os alunos estão em fase de preparação para o vestibular, cabe ao professor apresentar aos alunos as obras exigidas nos vestibulares das universidades mais próximas e deixá-los livres para escolher dentre os apresentados, pois isto para eles é fator importante de motivação. De acordo com Bamberger (2000: 11): “Para jovens leitores, os bons livros correspondem às suas necessidades internas de modelos e ideais, de amor, segurança e convicção.”

Com relação a esta questão Villardi (1999: 65) declara: “[...] o aluno gosta de ler; a escola é que ao transformar a leitura numa tarefa árida e sem sentido o afasta dos livros”. Por isso, cabe ao professor, tornar suas aulas produtivas, prazerosas ao aluno, para que este venha desenvolver sua habilidade de leitura de uma maneira eficaz e podendo estar posicionado-se criticamente frente a ela.

O professor não deve confundir leitura qualitativa com leitura quantitativa. Ele precisa ter claro para si o conceito de leitura, que é mais que decodificação. Por isso ao invés de exigir um número exagerado de obras durante o ano, é

melhor ler menos, mas que seja alcançada a compreensão total da leitura. Segundo Freire (2001: 17): “Muito de nossa insistência enquanto professores e professoras, em que os estudantes ‘leiam’, num semestre um sem número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que as vezes temos do ato de ler”.

A esse respeito Cunha (1999: 53-54) nos faz um questionamento:

Estrategicamente, se queremos ‘fazer a cabeça’ dos alunos para formar, se possível 30 leitores em 30 crianças, a técnica da coerção funciona? [...] Formas de motivação verdadeira e um acompanhamento estimulante são sempre modos de ajudar a criança ou o aluno a ter intimidade e prazer com o livro.

A respeito da questão: que é leitura para você? 43,48% responderam que é um meio de informação e 45,89% disseram que é uma forma de aprender. Percebe-se através dessa resposta que a maioria dos alunos consideram a leitura importante, pois somando-se ambos tem-se 89,37% (Fecchio, 2003). Isso nos leva a concluir que para os alunos a leitura relaciona-se ao aprendizado, pois além dos que responderam que é uma forma de aprender há os que disseram ser um meio de informação, o que nos remete também ao aprender, pois quando adquirimos uma nova informação, estamos aprendendo algo novo.

Já que os dados de pesquisa informam que os alunos gostam de ler e consideram essa atividade importante para suas vidas, o que fazer para que esses alunos, na escola e após saírem dela não percam esse hábito pela leitura? Sem dúvida, é preciso antes de tudo que o professor seja ele também um leitor crítico e habitual para que se torne espelho e referencia a seus educandos. Essa orientação é sugerida por Bamberger (2000: 21): “[...] Têm geralmente um relacionamento muito bom com o professor, o qual, por sua vez, leitor entusiasta, procura fazer com que os alunos experimentem na leitura um prazer idêntico ao seu.”

Por isso: “O professor de leitura, antes de mais nada, deve ser um apaixonado pela leitura”. (Fecchio, 2003: 129). O professor deve fazer com que as aulas de leitura sejam horas prazerosas para os alunos, de muita criatividade e envolvimento. Deve mostrar o livro como companheiro, não como trabalho escolar.

O professor não deve querer somente que os alunos lhe falem sobre suas experiências com livros, mas ele também deve relatar as emoções, as experiências que os livros lhe deram. Silva (2001), afirma: “Para que a leitura ‘encante’ os alunos, é preciso que o professor ‘deleite-se’ com ela”.

O professor de leitura precisa ter a “arte de ser um professor fascinante deve ser aquele que conhece o funcionamento da mente, que trabalha com a sensibilidade, que fala com uma voz que expresse emoção, aquele que educa a emoção. O professor deve ensinar os alunos a serem pensadores e não repetidores de informações.” (Poletti, 2004: 30-31)

Afinal o que queremos despertar nos alunos com o gosto pela leitura? É a sensibilidade, o prazer, a emoção, a reflexão diante da leitura, do livro. Não o hábito movido por interesses passageiros, mas o prazer na leitura que dure a vida toda. Villardi (1999: 37) escreve:

Ensinar a gostar de ler é exatamente isso: É ensinar a se emocionar com os sentidos e com a razão (porque para gostar apenas com os sentidos, não há necessidade da interferência da escola); e, para isso é preciso ensinar a enxergar o que não está evidente, achar as pistas e a retirar do texto os sentidos que se escondem por detrás daquilo que se diz.

Mais adiante a autora complementa:

[...] A emoção não é prerrogativa dos sentidos; por meio do entendimento mais profundo das coisas somos capazes de chegar a ela; só que é uma emoção diferente, mais completa. E é essa emoção que transforma a obra em algo que não é mais do autor, mas de cada um que nela deixa sua marca. (VILLARDI, 1999: 37)

CONCLUSÃO

Formar leitores competentes não é tarefa fácil. O professor precisa ser crítico e refletir muito sobre sua prática pedagógica e, se necessário for, mudá-las. Para isso, ele deve buscar novos embasamentos, a fim de encontrar orientações que possam direcioná-lo no exercício de sua profissão. Exercício esse que exige do professor muita paciência e dedicação.

O professor precisa estar aberto ao diálogo, para que tire todo o autoritarismo das suas aulas de leitura, dando liberdade e incentivando os alunos na busca da compreensão total da leitura, para que encontrem nessa atividade prazer e

alegria e possam desenvolver o gosto pela mesma e adotá-la para a vida toda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2000.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1998
- CHARMEUX, E. **Aprender a ler: Vencendo o fracasso**. São Paulo: Cortez, 1994.
- CUNHA, M. A. A. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: São Paulo: Ática, 1999.
- FECCCHIO, M. **A influência da leitura no comportamento social do acadêmico da Unipar-Campus Cianorte**. Uberlândia, 2001. 197 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia.
- _____. Em busca de soluções para problemas com a leitura. **Akrópolis**: Revista de Ciências Humanas da UNIPAR, Umuarama, v. 11, n.3, p. 246, jul./set. 2003.
- FREIRE, P. **A importância do hábito de ler**. 41. ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARTINS, M. H. **O que é leitura**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- POLETTI, V. A arte de ser um professor fascinante. **Revista Profissão Mestre**. Disponível em: < www.professormestre.com.br > Acesso em: 06 set. 2004.
- SILVA, V. L. P. **A leitura nas aulas de português**. Anais do XIV CELIP. Londrina, 2001. CD-ROM.
- VILLARDI, R. **Ensinando a gostar de ler**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.